

O CONCEITO DE TECNOLOGIA NO PENSAMENTO DE HERBERT MARCUSE: ESTUDO INTRODUTÓRIO

Renê Ivo da Silva Lima¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo levantar uma discussão sobre o conceito de tecnologia no pensamento de Herbert Marcuse. Para alcançar este fim, a pesquisa apresenta como o filósofo compreende o conceito no primeiro texto dedicado ao tema da tecnologia, intitulado *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* (1941), e na "Introdução à 1ª edição" da sua obra mais importante, intitulada de *O homem unidimensional* (1964). O trabalho tem como metodologia a pesquisa teórica, na qual recorreremos constantemente à exposição exegética das principais ideias de Marcuse sobre o conceito de tecnologia. O resultado obtido é que o filósofo compreende a tecnologia existente como instrumento de dominação e controle social. Concluímos que Marcuse apresenta uma crítica da tecnologia existente na sociedade capitalista e propõe uma nova tecnologia capaz desenvolver a pacificação da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Racionalidade tecnológica. Nova tecnologia.

¹ Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas "Atualidade do Pensamento de Herbert Marcuse". Email: reneivo@hotmail.com

THE TECHNOLOGY CONCEPT IN THE THOUGHT OF HERBERT MARCUSE: INTRODUCTORY STUDY

ABSTRACT: The article aims to raise a discussion about the concept of technology in the thought of Herbert Marcuse. To achieve this end, the research presents how the philosopher understands the concept in the first text dedicated to the theme of technology, entitled *Some social implications of modern technology* (1941), and in the "Introduction to the 1st edition" of his most important work, entitled *The one-dimensional man* (1964). The work is based on theoretical research, in which we constantly use exegetical exposition of Marcuse's main ideas about the concept of technology. The result obtained is that the philosopher understands the existing technology as an instrument of domination and social control. We conclude that Marcuse presents a critique of the existing technology in capitalist society and proposes a new technology capable of developing the pacification of existence.

KEYWORDS: Technology. Technological rationality. New technology.

Introdução

"Não haverá fim para os males da espécie humana enquanto a classe daqueles que são correta e verdadeiramente amantes da sabedoria (filósofos) não governar."

(Platão)

"A ação pela ação não é de modo algum superior ao pensamento pelo pensamento, e talvez seja até inferior a ele."

(Horkheimer)

"A teoria preserva a verdade, mesmo que a prática revolucionária se desvie do caminho certo. A prática segue a verdade, e não o inverso."

(Marcuse)

O conceito de tecnologia ocupa um lugar fundamental na teoria crítica de Herbert Marcuse, não somente por estar presente na maioria de suas obras – senão em todas – mas também por ser objeto de debate e estudo de vários intelectuais que se dedicam ao tema da técnica, ciência e tecnologia. Como todo tema importante o conceito de tecnologia já recebeu diversas interpretações diferentes: há os que dizem que Marcuse não critica a tecnologia em si, mas apenas a racionalidade tecnológica; há também os que dizem que para o filósofo o problema está no uso que se faz da

tecnologia e, por fim, os que dizem que Marcuse apresenta uma crítica da tecnologia estabelecida (capitalista) e propõe alternativas para o desenvolvimento de uma nova tecnologia.

O presente trabalho está de acordo com a última interpretação, pois a nosso ver – mostraremos isto em nosso texto – é a compreensão que mais se aproxima do pensamento de Marcuse sobre a tecnologia. O primeiro texto de Marcuse dedicado ao tema da tecnologia data da década de 1940, um ensaio intitulado de *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* publicado em 1941, nele o filósofo apresenta a tecnologia como um modo específico de organizar e perpetuar o estado de coisas existente, um instrumento de dominação. Essa mesma concepção de tecnologia é aprofundada na sua obra mais importante, intitulada de *O homem unidimensional*, publicada em 1964. Verifica-se que não existe no pensamento de Marcuse uma multiplicidade de teorias divergentes sobre a tecnologia, há sim apenas uma crítica da tecnologia capitalista e a proposta de uma nova tecnologia.

Dessa maneira, o objetivo da nossa pesquisa é apresentar uma discussão sobre o conceito de tecnologia no pensamento de Herbert Marcuse. Para alcançar esse fim, o trabalho apresenta como o filósofo compreende o conceito no primeiro texto dedicado ao tema da tecnologia, intitulado *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* (1941), e na “Introdução à 1ª edição” da sua obra mais importante, intitulada de *O homem unidimensional* (1964). Com isso levantamos alguns problemas: 1) qual é o sentido do conceito de tecnologia na teoria crítica de Herbert Marcuse? 2) em que consiste sua crítica à tecnologia existente e 3) o que seria a nova tecnologia proposta pelo o filósofo?

Na primeira seção deste trabalho apresentamos a distinção entre técnica e tecnologia, a definição do conceito de racionalidade tecnológica e a relação da sociedade capitalista com a tecnologia. Na segunda seção expomos a continuidade da crítica à tecnologia apresentada nos anos de 1940, ou seja, o desenvolvimento dessa crítica nos de 1960 e, por fim, na terceira seção apresentamos a proposta de Marcuse para a construção de uma nova tecnologia. O resultado obtido é que o filósofo compreende a tecnologia existente como instrumento de dominação e controle social. Conclui-se que Marcuse apresenta uma crítica da tecnologia existente e propõe uma nova tecnologia capaz desenvolver a pacificação da existência.

1 O conceito de tecnologia na década de 1940

Em seu primeiro texto dedicado ao tema da tecnologia, *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* (1941), Marcuse apresenta considerações importantes sobre como compreende o tema e ao mesmo tempo levanta questões que só iria desenvolver de forma mais determinada em

suas obras posteriores. Alguns dos assuntos levantados e compreendidos por Marcuse nesse texto publicado na década de 40 foram a distinção entre técnica e tecnologia; a definição do conceito de racionalidade tecnológica; a relação da sociedade capitalista com a tecnologia e como essas relações sociais convergem para a manutenção da burguesia como classe dominante e dos trabalhadores como classe dominada.

Marcuse inicia aquele texto apresentando a distinção entre técnica e tecnologia, para ele “a técnica propriamente dita (isto é, o aparato técnico da indústria, transportes, comunicação) não passa de um fator parcial” (MARCUSE, 1999, p. 73)². Essa distinção entre técnica e tecnologia é fundamental para destacar a técnica como elemento integrante da tecnologia, ela faz parte da tecnologia e esta faz parte da técnica, há uma relação de reciprocidade na qual a técnica determina a tecnologia e esta determina aquela. A distinção entre técnica e tecnologia não implica separação, pelo contrário, a organização técnica é um reflexo da organização tecnológica e vice-versa.

Quando vinculada à tecnologia é impossível pensar a técnica como um fator isolado, isso porque não existe técnica sem tecnologia e nem tecnologia sem técnica. Com isso não se pretende confundir técnica e tecnologia, mas apenas ressaltar que seus modos de ser estão totalmente vinculados a ponto de tornar complexo as características que as distingue. Essas características só podem ser distinguidas se se compreende a relação de determinação recíproca entre técnica e tecnologia levando em consideração não somente critérios quantitativos, mas também critérios qualitativos.

Esses critérios são essenciais para identificar que tipo de técnica e tecnologia prevalece em uma dada sociedade e até mesmo que tipo de técnica e tecnologia pode e deve ser desenvolvida em determinadas relações sociais. Se uma dada sociedade recusa os critérios qualitativos, isto é, os critérios que diz respeitam à melhoria da qualidade de vida em termos humanos e organiza a técnica com base apenas nos critérios quantitativos, ela (a técnica) tende a organizar-se para a produtividade supérflua, lucrativa, e nesse sentido a técnica é ruim. No entanto, se uma determinada sociedade valoriza os critérios qualitativos e os apresenta como fator determinante para o desenvolvimento técnico, os seus produtos promovem a pacificação da existência e, nesse sentido a técnica é boa.

² De acordo com Marília Mello Pisani, “a ‘técnica’ é vista enquanto o conjunto de instrumentos criados pelos indivíduos para a manutenção de sua existência e a ‘tecnologia’ enquanto o modo de produção que utiliza a técnica como instrumento de dominação” (PISANI, 2008, p. 6).

Os conceitos valorativos “bom” e “ruim” advindos dos critérios qualitativos demonstram que a técnica carrega consigo determinados valores e que, portanto, a técnica não pode ser vista como neutra. Desse modo, já na compreensão da técnica na década de 40 Marcuse recusa todo e qualquer pensamento que a vincule à neutralidade, a técnica não é neutra porque a tecnologia também não o é. Tendo isso em vista, Marcuse define a tecnologia como um “processo social”,

como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação (MARCUSE, 1999, p. 73).

Nessa citação percebe-se facilmente que Marcuse enfatiza a não neutralidade da tecnologia capitalista. A tecnologia não é um elemento separado da totalidade da realidade existente, pelo contrário, está totalmente vinculada à organização social estabelecida e dessa maneira representa as ideias dominantes em uma determinada época, ou seja, representa as ideias da classe dominante³. A tecnologia moderna é um processo social específico desenvolvido pela sociedade capitalista, um modo de produzir, de fazer, de construir e (des)organizar a vida de acordo com os interesses da classe dominante.

A tecnologia representa a sociedade capitalista, em outras palavras, a sociedade existente é uma sociedade tecnológica e tudo que se encontra no seu interior mantém uma relação com a tecnologia. Afirmar que a sociedade é tecnológica significa dizer que as relações sociais existentes determinam e são determinadas por um modo de produção cujo objetivo é transformar todas as coisas em meros instrumentos de dominação e exploração do mundo. Explorar e dominar o mundo requer mentes e corpos treinados e preparados para concordar com todas as regras impostas. A força dessa tecnologia consiste justamente na sua capacidade de reduzir o pensamento ao ato de obediência e o comportamento ao ato de repetição das relações sociais estabelecidas. A tecnologia existente é a tecnologia capitalista e ela tem sua própria racionalidade: a “racionalidade tecnológica”.

Segundo Marcuse (1999, p. 74), “No decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e novos padrões de individualidade se disseminaram na sociedade (...)”, esse novo individualismo é o pensamento e comportamento do sujeito que não consegue mais diferenciar

³ Marx e Engels já apresentaram, no seu *A Ideologia alemã*, a relação existente entre classe dominante, sociedade e força material (tecnologia). Cito: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante” (MARX;ENGELS, 2007, p. 47).

entre os seus próprios interesses e as necessidades do aparato tecnológico. Os objetivos externos impostos pelo aparato de produção tecnológico se sobrepõem aos objetivos do indivíduo e acabam tornando-se os seus objetivos. O novo individualismo domina a sociedade capitalista e transforma-se em racionalidade tecnológica⁴.

A racionalidade tecnológica está presente no modo de produção capitalista, isto é, na tecnologia capitalista e como tal ela se manifesta como coisificação da Razão, como processo de transformação do pensamento em instrumento de dominação e destruição da vida⁵. Para essa forma específica de racionalidade a vida só pode e deve subsistir na medida em que seja capaz de ser eficiente para executar as tarefas necessárias à produção e reprodução do *status quo*. A racionalidade tecnológica é uma relação social na qual homens e mulheres introjetam e imitam na sua forma viver as regras de funcionamento do aparato de produção tecnológico.

Não é simplesmente a transformação dos trabalhadores em máquinas no seu ambiente de trabalho alienado, a racionalidade tecnológica domina todas as dimensões da existência. As características de padronização, eficiência e cálculo que constituem essa racionalidade estão presentes no pensamento e comportamento dos indivíduos do nascer do Sol ao cair da noite. Há um padrão de mercadorias preestabelecido que todos devem consumir, todos devem ser eficientemente produtivos nos seus afazeres e calcular todas as suas ações durante as vinte e quatro horas do seu dia. Assim, a racionalidade tecnológica perpetua a sociedade capitalista.

Portanto, Marcuse compreende a relação entre sociedade capitalista e tecnologia como uma relação de determinação recíproca. A sociedade estabelecida determina o modo de tecnologia que pode e deve ser produzido e ao mesmo tempo a tecnologia existente determina o modo de organização social. A tecnologia carrega consigo os valores da classe dominante, eles são inerentes à tecnologia, já estão presentes no projeto tecnológico e contribuem para o desenvolvimento das relações sociais de dominação existente na sociedade capitalista⁶.

2 O conceito de tecnologia na década de 1960

4 De acordo com Kellner (2015, p. 11), "Em particular, Marcuse desenvolve uma concepção de um mundo tecnológico similar em alguns aspectos àquela desenvolvida por Heidegger (...) vê a racionalidade tecnológica colonizar a vida cotidiana, roubando a liberdade e individualidade dos indivíduos por impor imperativos tecnológicos, regras e estruturas sobre seu pensamento e comportamento."

5 Para Isabel Loureiro (2003, p. 28), "Marcuse não se limita a criticar a tecnologia, como muitos de seus contemporâneos, mas passa à crítica da racionalidade tecnológica, fundamento último da 'sociedade tecnológica'."

6 "A tecnologia desenvolve um novo estilo de vida no qual o pensamento e comportamento da classe dominante e alguns de seus valores: competição, eficiência e produtividade já estão prescritos nos produtos oferecidos pela sociedade prevalecente" (IVO, 2018, p. 79).

Esse modo de compreender a tecnologia fica claro e dissipa quaisquer dúvidas a respeito do pensamento de Marcuse sobre o tema da tecnologia na década de 1960, quando o filósofo escreve seu livro principal intitulado *O homem unidimensional* e outros textos importantes que apresentam a compreensão de Marcuse sobre o tema em questão – ainda que nesses textos não esteja presente um estudo aprofundado sobre a tecnologia. Para citar apenas alguns exemplos da forma como o filósofo apresenta sua concepção de tecnologia nesse livro, cito: “Nossa sociedade se distingue pela conquista das forças sociais dissidentes mais precisamente pela Tecnologia do que pelo Terror, sobre a dupla base de uma eficiência esmagadora e de um crescente padrão de vida” (MARCUSE, 2015, p. 32)⁷.

Aqui Marcuse aprofunda o que já tinha compreendido e apresentado no texto *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* (1941), a saber, a técnica e a tecnologia como modo de produção, aparato técnico, sistema tecnológico, sociedade tecnológica. Como vimos acima, no texto de 1941 Marcuse já percebera tanto a distinção quanto a unidade entre técnica e tecnologia como modo de produção desenvolvido com o objetivo de perpetuar as relações sociais estabelecidas. Em *O homem unidimensional* (1964) Marcuse abandona essa distinção e aprofunda a unidade da técnica e tecnologia como parte e totalidade da sociedade capitalista, técnica e tecnologia como relação social de dominação da classe trabalhadora, construída para manter a sociedade capitalista.

Dando continuidade à compreensão de tecnologia desenvolvida na década de 40, nos anos de 1960 Marcuse apresenta a crítica da tecnologia existente na sociedade capitalista, ele recusa a noção de que o sistema tecnológico vigente possa contribuir para melhorar a qualidade da vida dos seres vivos. Marcuse rejeita a ideia de neutralidade da tecnologia⁸ e, por conseguinte, a noção de que a tecnologia estabelecida pode servir tanto para o bem quanto para o mal, tanto para a libertação quanto para a dominação, tanto para a construção de uma sociedade comunista quanto para o desenvolvimento de uma sociedade capitalista. Mais uma vez Marcuse chama atenção para o vínculo entre sociedade e tecnologia:

o aparato técnico de produção e distribuição (com um crescente setor de automação) funciona não como a soma total de meros instrumentos que podem ser isolados de seus

⁷ Ainda no livro *O homem unidimensional* Marcuse afirma que “O progresso técnico, estendido a um sistema total de dominação e coordenação, cria formas de vida (e de poder) que parecem reconciliar as forças que se opõem ao sistema e derrotar ou refutar todo protesto feito em nome das perspectivas históricas de libertação do trabalho árduo e da dominação” (MARCUSE, 2015, p. 33).

⁸ Segundo Marcuse, “Diante das características totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de ‘neutralidade’ da tecnologia não pode mais ser sustentada. A tecnologia enquanto tal não pode ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na construção das técnicas” (MARCUSE, 2015, p. 36).

efeitos sociais e políticos, mas antes como um sistema que determina *a priori* o produto do aparato assim como as operações para servi-lo e ampliá-lo (MARCUSE, 2015, p. 36).

Na sociedade capitalista a forma e o conteúdo da tecnologia são pensados para satisfazer as necessidades e interesses dominantes, alcançar os objetivos do modo de produção e reprodução da vida existente torna-se um dos critérios decisivos para o estímulo da criatividade científica⁹: a ciência torna-se política e a política torna-se ciência¹⁰. Esta se transforma numa arma da luta de classe – a arma da burguesia contra a classe trabalhadora – pois os próprios conceitos científicos estão saturados com os valores do projeto de vida burguês. Nesse sentido, a ciência é dominação não apenas na aplicação de um determinado objeto científico-tecnológico (no seu uso), mas na própria formulação dos conceitos que conformam o objeto científico-tecnológico.

Na sociedade tecnológica os conceitos que representam as necessidades e valores quantitativos prevalecem sobre as ideias que expressam as necessidades e interesses qualitativos. As noções que orientam o projeto tecnológico devem levar em consideração primeiramente o retorno lucrativo que a tecnologia pode trazer aos seus investidores e só depois o benefício que ela pode gerar à vida humana é levado em consideração. A prioridade de valores quantitativos sobre os valores qualitativos por si só já é um problema importante a ser discutido e justifica a recusa da tecnologia vigente e pode desenvolver a necessidade de se pensar a possibilidade de uma nova tecnologia que priorize os valores humanos.

Ademais, quando a sociedade capitalista leva em consideração o elemento que diz respeito aos valores qualitativos é preciso questionar o que essa sociedade compreende por valores qualitativos, em outras palavras, que tipo de relações sociais ela considera parte do valor da qualidade de vida. Se na sociedade existente seres humanos não têm o que comer, o que vestir e onde morar percebe-se facilmente que os valores qualitativos – cuja definição pode ser resumida num viver, viver bem e viver melhor – não são levados em consideração. Portanto, a ausência dos valores qualitativos na sociedade estabelecida é a prova “empírica” de que os valores quantitativos determinam o projeto tecnológico.

Sendo assim, “A tecnologia serve para instituir novas formas, mais efetivas e prazerosas de controle e coesão social.” (MARCUSE, 2015, p. 36) Exploração, poder e dominação são os valores

⁹ Renato Dagnino explica que “Em nossa percepção, o que estamos acostumados a chamar de ciência e tecnologia são coisas que a contemporaneidade torna cada vez mais inseparáveis. Até mesmo os limites das atividades que as originam se têm tornado quase indistinguíveis” (DAGNINO, 2008, p. 25).

¹⁰ Marcuse afirma que “Através de sua relação com as necessidades sociais prevalecentes, o trabalho do cientista adquire um *valor social*; seu trabalho incorpora as características das tendências sociais predominantes e torna-se progressivo ou regressivo, construtivo ou destrutivo, libertador ou repressivo em termos da proteção e melhoramento da vida humana” (MARCUSE, 2009, p. 160).

que constituem o projeto de organização social imposto pela burguesia à classe trabalhadora. Nessa sociedade, a tecnologia não passa de um instrumento capaz de tornar eficiente o modo de vida existente e isso consiste em aperfeiçoar e perpetuar os valores que conformam a sociedade capitalista. Assim, com a ajuda desse instrumento a “euforia prevalece na infelicidade” (Marcuse) e a servidão parece voluntária.

O fato de alguns produtos fornecidos à classe trabalhadora graças às descobertas científico-tecnológicas promoverem um bem-estar social e, por conseguinte, a aceitação de uma vida de trabalho degradante e uma existência mais ou menos miserável não invalida a crítica da tecnologia capitalista. Os próprios “confortos” desenvolvidos pela tecnologia são instrumentos de dominação de classe e contribuem mais para a conformação do pensamento e comportamento aos fatos do que para o desenvolvimento de uma consciência e prática capaz de transformar esses fatos¹¹.

3 A nova tecnologia

As considerações a respeito da tecnologia apresentadas nas seções anteriores desenvolvidas pela teoria crítica marcuseana não podem simplesmente ser enquadradas nas falsas interpretações de que: 1) Marcuse é um tecnofóbico, 2) para o filósofo o problema não é a tecnologia, mas apenas a racionalidade tecnológica ou 3) não propõe um projeto de tecnologia alternativa capaz de superar a tecnologia estabelecida. Em primeiro lugar, Marcuse não tem aversão à tecnologia, mas sim aversão à tecnologia capitalista que carrega consigo os valores da sociedade capitalista¹². Para o filósofo, a organização tecnológica desenvolvida para a dominação não pode servir para a construção da libertação; “A organização para a paz é diferente da organização para a guerra; as instituições que serviram para a luta pela existência não podem servir para a pacificação da existência.” (MARCUSE, 2015, p. 54)

A tese que defende que Marcuse critica a racionalidade tecnológica, mas não a tecnologia é totalmente falsa¹³. Não existe separação entre tecnologia e racionalidade tecnológica, o que existe é uma distinção de sentido entre uma e outra, porém os dois conceitos estão muito bem relacionados. A racionalidade tecnológica se manifesta por meio da tecnologia e ajuda a sustentar

11 Segundo Horkheimer, “Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte do pensamento e da atividade do homem, sua autonomia como um indivíduo, sua capacidade de resistir ao crescente aparato de manipulação de massa, seu poder de imaginação, seu juízo independente são aparentemente reduzidos” (HORKHEIMER, 2015, p. 8).

12 De acordo com Isabel Loureiro, “Marcuse não quer eliminar a técnica e voltar à ‘selvageria original’ (...), e sim substituir o ‘sistema técnico’/ ‘tecnologia’ capitalista por outro menos alienante” (LOUREIRO, 2003, p. 26).

13 Marcuse afirma que “O superdesenvolvimento técnico e científico fica desmentido quando os bombardeiros equipados de radar, os produtos químicos e as “forças especiais” da sociedade afluenta desencadeiam-se sobre os mais pobres da Terra, seus barracos, hospitais e campos de arroz” (MARCUSE, 2015, p. 16).

o sistema tecnológico, este, por sua vez, incentiva e fortalece a reprodução da racionalidade tecnológica. A relação de determinação recíproca entre tecnologia e racionalidade tecnológica é tanto inegável quanto inseparável.

Por isso Marcuse insiste na transformação da tecnologia existente como momento fundamental para a superação da sociedade capitalista e construção de uma vida qualitativamente diferente. A transformação tecnológica a qual o filósofo se refere não diz respeito simplesmente a uma mudança no direcionamento da tecnologia, quer dizer, a mudança que Marcuse propõe na tecnologia não se refere a aprender a utilizar a tecnologia de maneira correta, como se ela fosse uma “faca de dois gumes” que pode servir tanto para o bem quanto para o mal. A questão não é se o indivíduo usa a tecnologia para o bem ou para o mal, isso não é a raiz do problema, o ponto fundamental é bem mais complexo.

Para Marcuse, a essência da questão está no próprio modo de se pensar a tecnologia enquanto tal. Nesse sentido, o problema da tecnologia não está apenas na sua aplicação e, por conseguinte, não se trata única e exclusivamente dos efeitos, resultados decorridos da má aplicação tecnológica, mas sim da própria teoria que projeta a tecnologia, em suma, o problema da tecnologia é o seu *a priori* tecnológico. Com o conceito “*a priori* tecnológico” Marcuse determina que a própria teoria e os conceitos científico-tecnológicos que dela fazem parte já estão saturados com os valores da sociedade na qual nasceram e se desenvolveram e, portanto, representam, compartilham e manifestam as ideias dominantes de compreensão do mundo. Nesse caso, a tecnologia torna-se um projeto social destinado a realizar os fins específicos estabelecidos pela sociedade em que nasceu e só uma transformação da própria concepção de tecnologia e, conseqüentemente, uma alteração radical do sistema tecnológico existente é capaz de transformar a tecnologia da dominação em tecnologia da libertação. É nisso que consiste a concepção de uma nova tecnologia para Marcuse.

A mudança qualitativa também envolve uma mudança na base *técnica* sobre a qual essa sociedade se assenta – uma base que sustenta as instituições políticas e econômicas por meio das quais é reforçada a ‘segunda natureza’ do homem como um objeto agressivo de administração. As técnicas de industrialização são técnicas políticas. Como tais, elas prejudgam as possibilidades da Razão e da Liberdade (MARCUSE, 2015, p. 54).

Os critérios para a transformação da tecnologia da dominação em tecnologia da libertação são a realização do sentido dos conceitos de Razão e Liberdade, porém não se trata do sentido de razão enquanto instrumento de dominação e exploração dos seres humanos e da natureza, nem muito menos do sentido de liberdade para escolher entre as diversas mercadorias expostas nas

vitruvianas. Aqui os conceitos de Razão e Liberdade são definidos como o fim da labuta, a satisfação das necessidades básicas e a criação de novas necessidades qualitativamente diferentes, o desenvolvimento das capacidades humanas e a pacificação da existência. Enfim, Razão e Liberdade como construção de uma sociedade emancipada¹⁴.

Sendo assim, Marcuse afirma que “assim como toda liberdade depende da conquista de necessidades de outra natureza, a realização da liberdade depende das *técnicas* dessa conquista” (MARCUSE, 2015, p. 54). Nesse sentido, a nova tecnologia deve proporcionar a criação e satisfação de novas necessidades, necessidades que estejam de acordo com uma sociedade emancipada bem como as novas necessidades devem fomentar o desejo por uma nova tecnologia capaz de desenvolver a emancipação humana. A construção da nova tecnologia é acompanhada pelo surgimento de necessidades e interesses que a velha tecnologia não pode satisfazer porque não corresponde às verdadeiras necessidades e interesses humanos. Com isso, a nova tecnologia pode e deve ser uma tecnologia estudada e projetada para a criação e descobertas de teorias e objetos não prejudiciais à vida dos seres vivos; ela pode e deve ser uma tecnologia contra a produção de automóveis poluentes e para a construção de veículos não poluentes; uma tecnologia contra a invenção de armas, mas interessada em embelezar a vida; uma tecnologia incapaz de criar brutalidade, porém capaz de promover uma vida sem angústia, medo e preocupação, isto é, uma existência pacificada.

Considerações finais

Portanto, o projeto de uma nova tecnologia de Marcuse não consiste simplesmente em mudar a utilização da tecnologia capitalista – em vez de ser utilizada para os fins do capital, passar a ser utilizada para os fins do socialismo – mas consiste em transformar o próprio modo de pensar e fazer tecnologia. O projeto de uma nova tecnologia apresentado pelo filósofo se fundamenta na questão dos valores, ou seja, o próprio conceito de ciência, as próprias categorias tecnológicas devem representar e expressar os valores de uma sociedade qualitativamente diferente. A tecnologia deve ser pensada conforme as relações sociais de uma sociedade emancipada.

Aqui também se sobrepõe mais uma vez o vínculo existente entre tecnologia e sociedade. As relações sociais de uma determinada sociedade podem perpetuar o domínio e controle do indivíduo

14 Segundo Marcuse, “A diferença qualitativa da nova etapa da nova sociedade deveria ser vista não na satisfação das necessidades vitais e espirituais (que, evidentemente, continuam sendo a base de todo desenvolvimento), e sim no aparecimento de satisfação de *novas* necessidades, reprimidas na sociedade antagônica” (MARCUSE, 1966, p. 164-5).

ou podem promover um estado de coisas no qual o sujeito possa desenvolver plenamente as suas potencialidades humanas. A predominância da dominação ou da liberdade depende fundamentalmente dos valores pelos quais uma determinada sociedade se organiza. Se nessa sociedade os valores quantitativos, por exemplo, a busca desenfreada pelo lucro, prevalece sobre os valores qualitativos, por exemplo, o desenvolvimento da vida, da vida boa e da vida melhor, então a possibilidade da invenção de uma nova tecnologia da libertação é bem reduzida ou mesmo quase impossível. Porém, se são os valores qualitativos que predominam sobre os valores quantitativos essa nova tecnologia pode ajudar a criar um uma sociedade cada vez mais livre.

Para Marcuse essa nova tecnologia só pode vir a existir de forma desenvolvida quando o mundo existente que a ciência estabelecida utiliza para suas experiências – base de estudos, descobertas e valores da tecnologia vigente – for totalmente transformado. Somente com o surgimento de um novo mundo de experiência – base de estudos, descobertas e valores da nova tecnologia – a ciência pode deixar de ser instrumento de dominação de classe e começar a ser ciência, quer dizer, começar a exercer o *telos* inerente à própria ciência: melhorar a vida de todos os seres vivos. Em um novo mundo emancipado o próprio modo de o sujeito se relacionar com a natureza seria transformado, a natureza não seria mais vista como simples matéria sem vida disponível para exploração humana. O indivíduo compreenderia a natureza como a dimensão da existência na qual a possibilidade de uma vida qualitativamente melhor seria desvelada. No entanto, alguma mente mais “astuta” pode levantar a seguinte questão: como o mundo-objeto de experiência da ciência estabelecida pode ser transformado? A resposta já foi dada por Marx; e Marcuse a “repete”: com a revolução socialista.

REFERÊNCIAS:

DAGNINO, R. P. *Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico: um debate sobre a tecnociência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

IVO, R. “Introdução ao estudo da sociedade industrial avançada em Herbert Marcuse”. *Diaphonía*. Cascavel, v. 4, n.1, 2018, pp. 70-89. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/19860/12936> Acesso em: 28 mar. 2018.

KELLNER, D. Introdução à 2ª edição. In: MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

LOUREIRO, I. *Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à Tecnologia*. In: PUCCI, B; LASTÓRIA, L. A. C. N; COSTA, B. C. G.(orgs.). *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. [Reimpr]. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.

_____. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015b.

_____. *A responsabilidade da ciência*. Tradução de Marília Mello Pisani. *Scientle Studia*. São Paulo, v. 7, n. 1, 2009, pp. 159-164.

_____. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. Sobre o conceito de negação na dialética. In: _____. *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Tradução de Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feurbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

PISANI, M. M. *Técnica, ciência e neutralidade no pensamento de Herbert Marcuse*. 2008. 235f. Tese (Doutorado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.